

SYLVIA DAY

Atraída

Tradução de
Cláudia Ramos

1

Agulhas geladas de água causticaram-me a pele ardente, cada ferroada afugentando as sombras viscosas de um pesadelo que não conseguia recordar totalmente.

Fechando os olhos, deixei-me ficar debaixo do jato forte, permitindo que as náuseas e o medo rodopiassem em torno do ralo aos meus pés. Invadiu-me um arrepio e os meus pensamentos regressaram à minha mulher. O meu anjo dormindo serenamente no apartamento mesmo aqui ao lado. Desejava-a desesperadamente, queria perder-me nela, odiando não poder fazê-lo. Não podia apertá-la nos braços. Não podia puxar o seu luxuriante corpo para debaixo do meu e penetrá-lo, deixando que o simples toque dela me expulsasse as más memórias.

– *Foda-se...*

Espalmei as mãos contra os azulejos frios, absorvendo o arrepio deste castigo que me fustigava os ossos. *Sou realmente um filho da mãe egocêntrico.*

Fosse eu um homem melhor, ter-me-ia afastado de Eva Cross no segundo em que a vi pela primeira vez.

Em vez disso, fiz dela minha mulher. E fiz questão de que a notícia do nosso casamento se espalhasse por todos os média conhecidos pelo homem, em vez de o manter secreto e circunscrito a um punhado de pessoas. Pior ainda, uma vez que não tencionava deixá-la fugir, teria de arranjar uma maneira de compensar o facto de eu ser de tal modo caótico que nem sequer podíamos dormir juntos no mesmo quarto.

Ensaboei-me energicamente, expurgando o manto de suor pegajoso sob o qual tinha acordado. Minutos depois, entrei no quarto, apenas para enfiar rapidamente umas calças de fato de treino antes de me dirigir ao meu *home office*. Pouco passava das sete da manhã.

Poucas horas antes, tinha saído do apartamento que Eva partilhava com o melhor amigo, Cary Taylor, para lhe permitir algumas horas de sono antes de ir trabalhar. Não nos largámos a noite toda, ambos demasiado carentes e insaciáveis. Mas também houve outra coisa. Uma urgência da parte de Eva que me corroe e deixou desconfortável.

Algo preocupava a minha mulher.

Olhei pela janela e para a vista de Manhattan estendendo-se por detrás dela, depois para a parede com fotografias emolduradas só de Eva, outras nossas, numa réplica perfeita da existente no meu escritório da *penthouse* que partilhamos na Quinta Avenida. Surgiu-me clara e nítida essa colagem, já que passara horas infindas a estudá-la minuciosamente nos últimos meses. Em tempos, olhar pela janela representava o meu escape, o modo de encapsular o meu mundo. Agora, bastava-me olhar para Eva para o conseguir.

Sentei-me à secretária e acordei o computador com um abanão do rato, inspirando lenta e profundamente ao ver o rosto da minha mulher preencher o monitor. Nesta imagem de fundo ela não usava maquilhagem e o pintalgado de sardas claras no nariz faziam-na parecer ainda mais nova do que os seus 24 anos. Os meus olhos percorreram-lhe as feições – a linha das sobrancelhas, o brilho dos olhos cinzentos, os lábios cheios. Nos momentos em que me permitia pensar nisso, quase podia sentir esses lábios contra a minha pele. Os seus beijos eram verdadeiras bênçãos, promessas do meu anjo que faziam com que a minha vida valesse a pena.

Com uma exalação determinada, peguei no telefone e liguei a Raúl Huerta. Apesar da hora, atendeu lesta e atentamente.

– Mrs. Cross e Cary Taylor partem hoje para San Diego – disse, cerrando um punho só de pensar nisso. Não tive de acrescentar mais nada.

– Certo.

– Quero uma foto recente de Anne Lucas e um relatório detalhado sobre o que ela fez e onde esteve ontem à noite. E quero-o até ao meio-dia.

– O mais tardar – retorquiu ele.

Desliguei e fixei novamente o rosto belíssimo e cativante de Eva. Nesse dia tinha-a a captado num momento espontâneo e feliz, um estado de espírito que eu pretendia determinadamente que ela mantivesse para o resto da sua vida. Mas ontem à noite pressenti-a nervosa pelo eventual encontro com uma mulher que em tempos eu usei. Há muito que os nossos caminhos, meu e de Anne, não se cruzavam, mas, se ela se revelasse minimamente responsável por perturbar a minha mulher, voltaria a enfrentar-me muito em breve.

Abri o correio e percorri os últimos emails, enviando respostas curtas quando necessário e dedicando-me finalmente ao assunto que me prendera a atenção assim que abri o correio eletrónico.

Senti a Eva ainda antes de a ver.

Ergui a cabeça e parei de teclar. Uma súbita onda de desejo apaziguou o estado de agitação que eu sentia sempre que não estava com ela.

Recostei-me na cadeira para melhor apreciar a vista.

– Acordaste cedo, meu anjo.

Eva ficou à porta, com as chaves na mão, o cabelo louro envolvendo-lhe sensualmente os ombros, as faces e os lábios ainda ruborizados do sono, o corpo curvilíneo enfiado nuns calções curtos e num top de algodão. Sem sutiã, vi-lhe os seios luxuriantes intumescendo ligeiramente de encontro ao algodão canelado. Pequena e concebida para deixar qualquer homem rendido aos seus pés, muitas vezes me fez notar o quão diferente era das mulheres com quem eu era frequentemente fotografado antes dela.

– Acordei cheia de saudades tuas – retorquiu, naquela voz rouca que me deixava instantaneamente teso. – Há quanto tempo estás acordado?

– Não há muito – disse, empurrando para dentro a base do teclado de forma a arranjar-lhe espaço sobre a secretária.

Ela aproximou-se, descalça, seduzindo-me sem o menor esforço. No segundo em que eu a vi pela primeira vez, soubera imediatamente

que ela seria a minha desgraça. A promessa estava ali, escancarada nos seus olhos, no modo como se movia. Onde quer que Eva entrasse, todas as cabeças masculinas se viravam. Cobiçando-a. Tal como eu.

Agarrei-a pela cintura assim que a pressenti suficientemente próxima, optando por instalá-la no meu colo. Baixando ligeiramente a cabeça mordisquei-lhe um mamilo, chupando-o avidamente logo a seguir. Ouvi-a a arfar, senti-lhe o corpo estremecer de prazer e sorri para mim mesmo. Podia fazer-lhe o que quer que me apetecesse. Ela atribuíra-me esse direito. E essa era a maior oferenda que alguém jamais me concedera.

– Gideon...

As mãos dela enfiaram-se suavemente pelos meus cabelos. Senti-me, desde logo, infinitamente melhor.

Erguendo a cabeça, beijei-a, degustando o sabor a canela da sua pasta de dentes que, ainda assim, não ocultava totalmente o verdadeiro gosto dela.

– Humm?

Ela tocou-me no rosto, perscrutando-me com o olhar.

– Tiveste outro pesadelo?

Estremeci. Eva sempre conseguiu ver através de mim, ir direta à minha mente. E eu não sabia se alguma vez me habituaria a isto.

Passei a ponta do polegar pelo algodão suave que lhe cobria o mamilo, acariciando-o.

– Prefiro falar dos sonhos húmidos que estás a suscitar-me neste momento.

– Sonhaste com quê?

A insistência dela fez-me cerrar os lábios.

– Não me lembro.

– Gideon...

– Esquece isso, meu anjo.

Senti-a ficar tensa.

– Só quero ajudar-te, mais nada.

– Sabes bem como fazê-lo.

– Tarado sexual – rosnou-me.

Estreitei-a mais contra mim. Não consegui arranjar as palavras certas para lhe descrever a sensação de a ter nos meus braços, por

isso, beijei-lhe o pescoço, inspirando o odor da sua pele, que eu tanto adorava.

– Campeão...

Qualquer coisa na voz dela deixou-me tenso. Afastei-me um pouco, devagar, observando-a.

– Diz-me coisas.

– A propósito de San Diego... – baixou os olhos e mordeu o lábio inferior.

Fiquei imóvel, à espera do que se seguiria.

– Os Six-Ninths vão lá estar – disse ela finalmente.

Não tentara esconder-me o que já sabia, o que para mim foi um alívio.

Mas senti-me invadido por outro género de tentação.

– Estás a querer dizer-me que isso é um problema?

A minha voz permanecia firme, mas eu estava longe de estar calmo.

– Não, não é problema nenhum – respondeu ela, num tom meigo. Mas os seus dedos agitavam-se sem descanso no meu cabelo.

– Não me mintas.

– Não estou a mentir. – Soltou um suspiro fundo e, a seguir, de olhos nos olhos: – Há qualquer coisa que não está certa. Estou confusa...

– Acerca de quê, precisamente?

– Não sejas assim... Não uses esse tom gelado para me afastar.

– Vais ter de me desculpar, mas ouvir a *minha mulher* dizer que está confusa acerca de outro homem não é coisa que me agrada.

Ela contorceu-se para sair do meu colo e eu não a impedi, para poder observá-la – avaliá-la – com alguma distância entre nós:

– Não sei como explicar...

Esforcei-me para ignorar o nó frio que me apertava as entranhas.

– Tenta.

– Sinto que... – voltou a baixar os olhos e a morder o lábio inferior: – Há qualquer coisa... não resolvida.

Senti o peito cingido num nó ardente:

– Ele excita-te, Eva?

Ela ficou tensa:

– Não é nada disso.
– É a voz dele? As tatuagens? O seu famoso *pau mágico*?
– Está calado. Não é fácil falar disto. Não complices.
– Para mim também é lixado falar disto – atirei eu, levantando-me bruscamente.

Olhei-a de alto a baixo, furioso, desejando fodê-la e castigá-la ao mesmo tempo.

Queria amarrá-la, fechá-la, afastada de quem ameaçasse o meu controlo sobre ela.

– Ele tratou-te como se fosses lixo, Eva. Esqueces-te disso ao ver o vídeo *Golden*? Haverá alguma coisa de que tu precisas e que eu não esteja a dar-te?

– Não digas burrices.

Cruzou os braços numa pose defensiva que me irritou ainda mais. Precisava dela aberta e mansa. Precisava dela completamente. Havia alturas em que eu ficava doido com tudo o que ela significava para mim. Ela era a única coisa que eu não conseguia imaginar perder.

E agora aqui estava ela, a dizer a única coisa que eu não suportava ouvir:

– Por favor, para de me massacrar a este respeito.

– Eu estou a ser espantosamente civilizado, considerando a raiva que sinto neste momento.

– Gideon... – uma sombra de culpa enegreceu-lhe os olhos, onde já brilhavam lágrimas.

Eu desviei a vista.

– Deixa-te disso – murmurei.

Mas ela, como de costume, viu através de mim.

– Eu não quis magoar-te...

O diamante no seu anelar – a minha declaração de poder sobre ela – apanhou a luz, lançando chispas de fogo multicolor contra a parede.

– Detesto que estejas chateado e zangado comigo – prosseguiu.
– Também me magoa, Gideon. Eu não o quero para nada. Juro que não quero.

Num desassossego, fui até à janela, tentando manter a calma de que precisava para lidar com o perigo que Bratt Kline representava.

Tinha feito tudo o que podia. Tinha pronunciado os votos, tinha enfiado a aliança no dedo dela. Tinha-a ligado a mim de todas as maneiras. E, contudo, não bastava.

A cidade estendia-se à minha frente, mas a vista estava obstruída por edifícios mais altos. Da minha *penthouse*, via-se a cidade a quilómetros de distância. Mas do apartamento do Upper Side West que eu alugara, paredes meias com o dela, a vista era limitada. Não conseguia ver as filas serpenteantes de ruas peçadas de táxis amarelos, nem os raios de sol refletidos nas inúmeras janelas dos arranha-céus.

Eu podia oferecer Nova Iorque a Eva. Podia oferecer-lhe o mundo. Não podia amá-la mais do que a amava; isso consumia-me. E, ainda assim, um imbecil qualquer do passado dela avançava a passos largos para me empurrar para longe.

Lembrei-me dela nos braços de Kline, beijando-o com um desespero que ela só devia sentir por mim. A possibilidade de ela poder ainda ser afetada pelo desejo por ele fez-me querer despedaçar qualquer coisa.

Carrei os punhos. Fazendo sobressair os nós dos dedos.

– E que tal fazermos uma pausa? Dar um tempinho para o Kline deslindar essa tua *confusão*? E, quem sabe, para eu fazer o mesmo e ajudar a Corinne a lidar com a *confusão* dela?

Ela inspirou bruscamente ao ouvir o nome da minha ex-noiva.

– Tu estás a falar a sério?!

Seguiu-se um terrível lapso de silêncio.

E depois:

– Parabéns, idiota. Acabaste de me magoar mais do que ele jamais conseguiu.

Virei-me a tempo de a ver sair do quarto, de costas rígidas e tensas. Deixara em cima da secretária as chaves que usara para entrar e vê-las ali abandonadas despoletou em mim algo desesperado.

– *Para.*

Agarrei-a e ela começou a lutar, naquela nossa dinâmica tão familiar: ela a fugir, eu a perseguir-la.

– Larga-me!

De olhos fechados, apertei a minha cara contra a dela.

– Não vou permitir que ele...

– Estou tão irritada contigo neste momento que só me apetece bater-te!

Eu não queria outra coisa. Queria sentir essa dor:

– Força, bate-me.

Ela cravou as unhas nos meus braços.

– Gideon, põe-me no chão!

Dei-lhe uma volta e imobilizei-a contra a parede do hall de entrada.

– O que é que queres que eu faça quando me dizes que estás *confusa* acerca do Brett Kline? Sinto que estou pendurado na beira de um precipício e que as mãos me escorregam.

– E então agarras-te a mim para eu te segurar? Tu não vês que eu não vou a parte nenhuma?

Olhei para ela esforçando-me para encontrar o que dizer para fazermos as pazes. O seu lábio inferior começou a tremer e eu... desmoronei-me.

– Diz-me como lidar com isto... – pedi-lhe roucamente, agarrando-lhe os pulsos o mais brandamente que me foi possível.

– Como lidares *comigo*, queres tu dizer – disse ela, endireitando os ombros. – Porque o problema *sou eu*. Conheci o Brett numa época da minha vida em que eu me detestava, mas queria que os outros gostassem de mim. E agora que ele está a ser como eu queria que ele fosse, isso está a dar-me cabo da cabeça.

– Foda-se, Eva! – Agarrei-a mais, comprimindo o meu corpo contra o dela. – Como queres que eu não me sinta ameaçado com uma coisa dessas?!

– Tu *tens* de confiar em mim! Conte-te isto porque não queria que tivesses ideias esquisitas e chegasses a conclusões erradas. Quis ser totalmente honesta para que não te sentisses ameaçado! Eu sei que tenho coisas para resolver na minha cabeça. Neste fim de semana vou consultar o Dr. Travis e....

– Os psiquiatras não são a cura para tudo, merda!

– Não me grites!

Controlei o impulso de enfiar o punho no estuque por trás dela. A fé cega da minha mulher nas propriedades curativas da terapia psiquiátrica dava-me cabo da cabeça.

– Não vamos a correr para o raio do psiquiatra de cada vez que temos um problema entre nós. Neste casamento só há tu e eu, não a porra da comunidade psiquiátrica!

Ela levantou o queixo, que adotou aquele ângulo que me punha doido. Nunca cedia um minuto, a não ser que eu estivesse dentro dela. Nessas alturas, dava-me tudo.

– Tu podes achar que não precisas de auxílio, campeão, mas *eu* sei que preciso.

– Do que eu preciso é de ti. – Agarrei-lhe a cabeça com as mãos.

– Preciso da minha mulher. E preciso que ela esteja a pensar em mim e não noutra gajo qualquer.

– Fazes-me desejar ter ficado calada.

– Bem sei como te sentes. Não é a primeira vez.

– Meu Deus, és de um ciúme doentio... – gemeu baixinho.

– Porque é que não percebes como eu gosto de ti? O Brett não tem nada a ver contigo. *Nada!* Mas, francamente, neste momento não me apetece estar contigo.

Senti-a resistir, a tentar afastar-se. Agarrei-me a ela como a uma boia de salvação.

– Tu não vês o que estás a fazer-me?

Eva descontraiu-se nos meus braços.

– Eu não te percebo, Gideon. Como é que tu consegues tocar num interruptor e desligar os teus sentimentos? Sabendo o que eu sinto acerca da Corinne, como é que consegues atirar-ma à cara dessa maneira?

– *Tu* és a minha razão de viver, e não consigo desligá-la. – Deslizei a boca pela cara dela. – Não penso senão em ti. Todo o dia. Todos os dias. Tudo o que eu faço é contigo no pensamento. Não há espaço para mais ninguém. E morro só de pensar que tens espaço para ele.

– Não estás a ouvir nada do que eu digo.

– Só te peço que te mantinhas afastada dele.

– Isso é evitar um problema, não resolvê-lo.

Senti os dedos dela cravarem-se-me na cintura. Suspirou e prosseguiu:

– Estou fragilizada, Gideon. Tu bem sabes. Estou a tentar recompor-me.

Eu amava-a tal como ela era. Porque é que isso não chegava?

– Graças a ti, estou mais forte do que nunca – continuou ela –, mas ainda há falhas e, quando as encontro, tenho de descobrir o que é que as provocou e como resolvê-las. Para sempre.

– Mas que raio é que isso significa?

As minhas mãos esgueiravam-se sob o top dela, procurando-lhe a pele nua. Ela reagiu empurrando-me, rejeitando-me.

– Gideon, não!

Tapei-lhe a boca com a minha. Levantei-a no ar e deitei-a no chão. Ela começou a lutar e eu murmurei-lhe:

– Não resistas...

– Não é com uma queca que resolves os teus problemas.

– Mas eu *só quero* dar uma queca.

Enfiei os polegares pelo cós dos calções dela e puxei-os para baixo. Eu estava louco por estar dentro dela, possuindo-a, sentindo-a render-se. Fosse o que fosse para apagar aquela voz na minha cabeça que me dizia que me tinha lixado gravemente. *De novo*. E desta vez não seria perdoado.

– Larga-me! – gritou ela, rebolando e ficando de barriga para baixo.

Coloquei os braços à volta das ancas dela, quando ela tentou esgueirar-se para longe. Ela fora treinada – por mim próprio – para me imobilizar e cortar-me as vazas com uma só palavra. A sua palavra de segurança...

– *Crossfire*.

Eva ficou imóvel ao som da minha voz e da única palavra que devia exprimir o distúrbio de emoções que com ela partilhava.

E, no centro daquela tempestade, qualquer coisa estalou. Uma calma que me era familiar explodiu dentro de mim, abolindo o pânico que alterava a minha confiança. Calei-me, absorvendo a súbita ausência de agitação. Há já muito tempo que sentira pela última vez a calma estonteante entre caos e controlo. Só Eva conseguia abalar-me tão profundamente, fazendo-me recuar para um tempo em que eu estivera à mercê de tudo e todos.

– Vais parar de lutar comigo – disse-lhe eu calmamente. – E eu vou pedir-te desculpa.

Ela deixou-se relaxar nos meus braços. A sua submissão foi total e imediata. Eu estava de novo no comando.

Puxei-a para cima, fazendo-a sentar no meu colo. Eva precisava de me sentir no controlo. Quando eu descarrilava, ela escapava-se-me, o que me abalava ainda mais. Era um ciclo vicioso – que eu tinha de tentar dominar.

– Peço desculpa.

Desculpa por magoá-la. Desculpa por perder o controlo da situação. Eu tinha ficado muito inseguro desde aquele pesadelo – e ela tinha-o intuído – e levar com Kline logo a seguir não me dera tempo para me recompor.

Saberia lidar com ele. E manter uma atenção firme nela, ponto, parágrafo. Não havia outra opção.

– Preciso do teu apoio, Gideon.

– E eu preciso que lhe digas que estás casada. E feliz!

Ela encostou a testa à minha cara.

– É o que tenciono fazer.

Puxei-a para mim e encostei-me à parede, aninhando-a. Ela passou os braços à volta do meu pescoço e o meu mundo alinhou-se de novo.

Eva fez descer a mão pelo meu peito.

– Campeão...

Aquela nota insinuante na voz dela, conhecia eu bem. Fiquei excitado num abrir e fechar de olhos.

Submeter-se à minha vontade era uma coisa que excitava Eva e aquela sua reação alvoraçou-me até mais não.

Mergulhei a mão no seu cabelo e empunhei as madeixas douradas, observando como os seus olhos iam ficando mais pesados ao sentirem aquele leve puxão. Estava dominada e à minha mercê – o que ela adorava. Ela precisava disto tanto quanto eu.

Tomei-lhe a boca.

E depois tomei-a toda.

Enquanto Angus nos levava para o trabalho, consultei a minha agenda do dia e pensei na viagem de avião da minha mulher às oito e meia.

Olhei para ela.

– Vais num dos nossos jatos até à Califórnia.

Ela estivera a olhar pela janela do Bentley, apreciando a cidade com o seu habitual interesse. Voltou a cara para mim.

Eu tinha nascido em Nova Iorque. Crescera dentro e perto da cidade e acabei por torná-la minha, até que a certa altura fui deixando de reparar nela. Mas o fascínio e o deleite de Eva pela minha cidade natal tinha voltado a reavivar o meu interesse. Não estudava Nova Iorque com a mesma intensidade dela, mas comecei a vê-la com os mesmos olhos deleitados.

– Ah sim? Achas? – desafiou-me ela.

– Acho. É mais rápido, mais confortável, mais seguro.

Ela soltou um risinho de troça, antes de responder.

– Está bem.

Aquela provocação cativou-me, deu-me vontade de lhe fazer toda a sorte de malandrices e obscenidades até só lhe restar rendição total.

– Tens é de dizer isso ao Cary – continuou ela, trocando o cruzar das pernas e revelando a beira rendada das meias e uma nesga de liga.

Eva trazia uma camisa vermelha sem mangas, uma saia branca e sandálias altas de tiras, um traje de trabalho perfeitamente aceitável, valorizado pelo corpo que o vestia até uma sexualidade inimaginável. Um arco de eletricidade estabeleceu-se entre nós, no reconhecimento instintivo de que tínhamos sido feitos para nos ajustarmos perfeitamente um ao outro.

– Pede-me para ir contigo – disse eu, detestando a ideia de estarmos separados durante todo o fim de semana.

O sorriso dela desvaneceu-se:

– Não posso. Já que vou passar a informar as pessoas que casámos, tenho de começar pelo Cary e não posso fazer isso na tua presença. Não quero que ele se sinta fora de uma vida que eu vou criar contigo.

– Mas eu também não quero ficar de fora.

Ela entrecruzou os dedos nos meus.

– Passarmos algum tempo separadamente com amigos não nos torna menos o casal que somos.

– Prefiro passar tempo contigo. És a pessoa mais interessante que eu conheço.

Ela olhou para mim de olhos esgazeados. De repente, explodiu num movimento, levantando a saia e montando-me antes de eu, sequer, perceber o que ela estava a fazer. Agarrando-me a cara entre as mãos, colou os lábios brilhantes de *gloss* aos meus e beijou-me disparatadamente.

– Hummm... – gemi, quando ela se afastou, completamente sem fôlego. – Os meus dedos agarravam-na pela curva generosa do seu rabo magnífico. – Quero mais.

– Estou com tanto tesão por ti neste momento – murmurou ela, limpando-me a boca com o polegar.

– Não tenho nada contra.

O seu riso rouco envolveu-me completamente.

– Sinto-me tão feliz neste momento.

– Mais do que te sentiste no hall?

A alegria dela era contagiante. Se eu pudesse parar o tempo, tê-lo-ia feito naquele momento.

– Esta é uma sensação diferente.

Os dedos dela tamborilavam nos meus ombros. Ela ficava... radiosa quando estava feliz e o seu prazer iluminava tudo à sua volta. Incluindo eu.

– Esse foi o maior elogio que jamais recebi, campeão. Especialmente vindo do célebre Gideon Cross, que encontra gente fascinante todos os dias.

– E não desejo senão que se vão todos embora, para voltar para junto de ti.

Os olhos dela brilharam:

– Meu Deus, amo-te tanto que até dói.

Eu tinha as mãos a tremer e enfiei-as atrás das coxas dela para as esconder. O meu olhar vagueou, tentando concentrar-se em qualquer coisa que me estabilizasse. Se ela soubesse o efeito que produzia em mim com aquelas simples palavras...

Eva abraçou-me.

– Quero que faças uma coisa por mim – murmurou ela.

– Tudo. Seja o que for.

– Vamos dar uma festa.

Aproveitando a oportunidade de mudar de assunto:

– Boa! Sou louco por festas... contigo.

Afastando-se, ela socou-me o ombro.

– Não é esse género de festa, seu tarado.

Eu suspirei:

– Já me lixei.

Eva dirigiu-me um belíssimo sorriso cheio de malvadez:

– E que tal se eu te prometer *esse género* de festa em troca da outra?

– Ah! Isso é que é falar! – Recostei-me, desfrutando imensamente daquele momento. – Diz lá o que tens em mente...

– Álcool e amigos, meus e teus.

– Muito bem. – Considerarei as possibilidades. – Curto-te a ti e aos teus amigos, bebo uns copos e, entretanto, dou-te uma rapidinha algures num canto escuro.

Vi-a a engolir em seco, deleitada com a ideia, e sorri para dentro. Conhecia bem o meu anjo. Dar largas ao seu exibicionismo secreto representava para mim uma viragem de trezentos e sessenta graus. E, embora fosse sempre uma surpresa para mim, a verdade é que não me ralava nada... Não havia nada que eu não fizesse em troca daqueles momentos em que a única coisa que interessava a Eva era sentir-se completa comigo dentro dela.

– És duro a negociar – disse ela.

– É exatamente essa a minha intenção.

– OK – anuiu ela lambendo os lábios. – Então... eu curto-te a ti e à tua rapidinha e ainda te bato uma debaixo da mesa.

Ergui as sobrancelhas:

– *Até ao fim* – foi a minha contraproposta.

Algo parecido com um ronronar pairou no ar entre nós. E depois:

– Penso que necessita de ponderar de novo e reconsiderar, Mr. Cross.

– E eu penso que vai precisar de se esforçar mais para me convencer Mrs. Cross. E ela foi, como sempre, a mais revigorante negociação do meu dia.

Separámo-nos no vigésimo andar, onde ela saiu do elevador para o hall da Waters Field & Leaman. Eu estava determinado a incluí-la na minha equipa, tê-la a trabalhar para mim. Era um dos objetivos de que não abria mão.

Quando cheguei ao meu gabinete, o meu assistente já estava à secretária.

– Bom dia – disse Scott levantando-se. – O departamento de RP ligou há minutos. Estão a receber uma quantidade insólita de perguntas sobre o boato acerca de um provável noivado entre si e Miss Tramell e querem saber como reagir.

– Devem confirmar.

Passei por ele a caminho do cabide no canto atrás da minha secretária. Ele seguiu-me.

– Parabéns.

– Obrigado.

Desfiz-me do meu casaco e pendurei-o num gancho. Quando olhei de novo para ele, vi que sorria largamente.

Scott Reid executava milhões de coisas para mim com um tal cuidado e discrição que levava geralmente as outras pessoas a subestimá-lo, permitindo-lhe passar despercebido. Em mais do que uma ocasião, as suas observações sobre algumas pessoas tinham-se provado extremamente perspicazes e eu pagava-lhe bem – e bem mais do que o suficiente para o impedir de ir trabalhar para outro sítio.

– Miss Tramell e eu vamos casar antes do fim do ano – disse-lhe eu. – Qualquer pedido de entrevistas ou fotografias para um de nós deve ser encaminhado para a Cross Industries.

E, por favor, avisa também a segurança lá em baixo. Ninguém deve contactar Miss Tramell sem me contactar primeiro.

– Vou já avisá-los. Ah, e ainda outra coisa: Mr. Madani pediu para ser avisado quando chegasse. Queria uns minutos consigo ainda antes da videoconferência desta manhã.

– Estou pronto quando ele quiser.

– Boa! – disse Arash Madani ao entrar. – Houve tempos em que já estavas cá antes das sete. Andas a descuidar-te, Cross.

Lancei ao advogado um olhar de aviso sem rancor. Arash vivia só para o trabalho e era extremamente bom no que fazia, razão pela qual eu o roubara ao anterior patrão. O seu fato azul-escuro era simples mas feito por medida, as ondas do cabelo preto controladas por um corte de precisão, uma aguda sagacidade dominava-lhe os olhos castanhos e estendia-se até um sorriso que era mais de aviso do que benevolência. Era, para mim, mais um amigo do que um empregado e eu apreciava a sua frontalidade sem tretas.

– Recebemos uma oferta muito razoável para a propriedade na Thirty Sixth – disse ele.

– Ah sim?

Um conjunto de emoções susteve por momentos a minha resposta. O hotel que a Eva detestava constituía um problema enquanto permanecesse meu.

– Ainda bem... – observei.

– É curioso... – respondeu ele pousando o tornozelo no joelho oposto. – Considerando que o mercado está a recuperar muito lentamente. Tive de pesquisar e remexer bastante, mas descobri que o licitador é um subsidiário da *LanCorp*.

– Isso é interessante...

– E grosseiro. O Landon sabe que a próxima licitação mais alta está a milhões de diferença – uns 10 milhões, diria eu. O que eu recomendo é que retiremos a propriedade do mercado e voltemos a lançá-la dentro de um ano ou dois.

– Não. – Recostei-me para trás e rejeitei a sugestão com um abanar de cabeça. – Deixa-o ficar com ela.

Arash pestanejou.

– Estás a gozar comigo? Porquê essa pressa de te veres livre do hotel?

Porque não posso mantê-lo sem magoar a minha mulher.

– Tenho as minhas razões.

– Isso foi o que disseste quando eu te aconselhei a vendê-lo há uns anos e tu optaste por estourar milhões em obras e renovações. Uma despesa que só agora estás a começar a recuperar e é precisamente *agora*, com o mercado ainda pouco estável, que o pões

à venda para o entregares de bandeja a um gajo que tudo o que sempre quis foi a tua cabeça?

– Nunca é má altura para se vender propriedades em Manhattan.

E, certamente, nada má altura para me desfazer de algo a que Eva chama o meu *covil sexual*.

– Há alturas melhores do que outras e tu sabe-lo bem. E o Landon também. Se lhe venderes o hotel estarás apenas a encorajá-lo.

– Ótimo. Talvez assim ele comece a jogar melhor.

Ryan Landon tinha-me um ódio de morte, de certo modo compreensível. O meu pai tinha dizimado a fortuna dos Landon e Ryan queria vingar-se num Cross. Não era o primeiro nem seria o último homem de negócios a querer vingar-se de mim por causa do meu pai, mas este era, sem dúvida, o mais obstinado. E ainda bastante jovem, pelo que dispunha de tempo suficiente para dedicar a essa tarefa.

Olhei para a fotografia de Eva na minha secretária. Tudo o resto era secundário.

– Ouve – disse Arash, erguendo as mãos fingindo rendição –, o negócio é teu. Eu só preciso de saber se as regras mudaram a partir de agora.

– Não mudou rigorosamente nada.

– Se acreditas nisso, Cross, então estás ainda mais a leste do que eu julgava. E, enquanto Landon está a planear a tua ruína, tu vais de fim de semana para a praia.

– Para de me chatear por tirar um fim de semana, Arash.

Fá-lo-ia uma e outra vez num piscar de olhos. Aqueles dias passados com Eva nas Outer Banks representaram o sonho mais maravilhoso e inesquecível que eu jamais me permiti ter.

Levantei-me e dirigi-me à janela. Os escritórios da LanCorp ocupavam os dois quarteirões à minha frente, em majestosos arranha-céus, e o gabinete de Ryan Landon tinha uma vista privilegiada do Edifício Crossfire. Suspeitava que ele passava bastante tempo do seu dia a olhar fixamente para o meu gabinete, arquitetando o próximo passo. Ocasionalmente, dava-me um secreto prazer pôr-me à janela a olhar para o gabinete dele, desafiando-o a esforçar-se mais.

O meu pai fora um criminoso que destruíra inúmeras vidas. Fora também o homem que me ensinara a andar de bicicleta e a assinar

o meu nome com orgulho. Jamais conseguiria defender a reputação de Geoffrey Cross, mas podia certamente proteger o império que eu ergui através das suas cinzas.

Arash juntou-se a mim, à janela:

– Não vou dizer-te que perderia a hipótese de passar um fim de semana com um *avião* como a Eva Tramell, se pudesse. Mas teria a merda do telemóvel sempre ligado, sobretudo se estivesse a meio de uma negociação de alto risco.

Relembrando o sabor a chocolate derretido sobre a pele da Eva, acho que nem que um furacão tivesse arrancado o telhado do hotel, eu me abstrairia daquele momento.

– Fazes-me ter pena de ti.

– A aquisição daquele *software* por parte da LanCorp, deixou-te a anos-luz em termos de pesquisa e desenvolvimento. E isso torna-o arrogante.

Era isso que deixava o sangue de Arash a ferver-lhe nas veias: o prazer de Landon com os seus próprios sucessos.

– Mas a verdade é que aquele *software* não vale um caracol sem o *hardware* da PosIT.

Ele olhou-me, confuso:

– E...?

– Lembra-te do terceiro item da minha agenda.

– Bom, na minha cópia dizia: *A determinar*.

– Pois na minha diz: *PosIT*. Satisfeito?

– Porra!

Se conseguíssemos comprar a *PosIT*, Landon regressaria à estaca zero.

Ouvi o bip do intercomunicador, seguido da voz de Scott:

– Duas coisas, Mr. Cross: tem a Miss Tramell na linha um...

– Obrigado, Scott – disse, sentindo ondas de excitação pulsando-me nas veias ao dirigir-me à secretária. – E, assim que eu desligar a chamada dela, quero que me liguês imediatamente ao Victor Reyes.

– Com certeza. Outra coisa: a Mrs. Vidal está na receção – acrescentou, fazendo-me gelar e pregar-me ao chão. – Deseja que atrase um pouco a reunião desta manhã?

Olhei para a parede de vidro que separava o meu gabinete do resto do andar, ainda que não conseguisse vislumbrar a minha mãe daquela distância. Cerrei os punhos. O relógio no telefone informava-me que eu ainda dispunha de 10 minutos para falar com a minha mulher, que aguardava em linha.

O meu impulso imediato foi o de fazer a minha mãe esperar até conseguir encaixá-la no meu horário, e não o contrário. Mas acabei por ceder.

– Atrasa a reunião 20 minutos – disse ao meu assistente. – Vou falar com a Miss Tramell, depois com o Victor Reyes e, aí sim, podes mandar entrar a Mrs. Vidal.

– Com certeza.

Esperei um segundo. Depois levantei o auscultador e premi a tecla um, que piscava rapidamente.